

Canções nas Cebbs

Antônio Manzatto¹

Resumo: A presente reflexão parte da proposta, realizada pelos modernistas sobretudo na Semana de Arte Moderna de 1922, de repensar o país e sua cultura. Propõe uma compreensão de cultura popular e insere, nesse contexto, a realidade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que muito contribuíram para forjar a compreensão e o projeto de país que temos atualmente. Examina o papel das CEBs na formação da consciência e da cultura popular na indicação de algumas canções que se fizeram presentes naquele ambiente. Mostra como essas “canções da caminhada” expressam a compreensão popular de suas dificuldades, sonhos e projetos e, por esse viés, formam a consciência política de cristãos/ãs que participam da construção do país como consequência própria de sua fé.

Palavras-chave: CEBs. Música. Cultura popular. Igreja Católica. Canções.

1 A SEMANA

As celebrações do centenário da Semana de Arte Moderna realizada em 1922 trouxeram em seu bojo importantes questionamentos sobre a identidade e a realidade brasileiras, mais não fosse, pela situação sociopolítica que vivenciamos nos últimos tempos. Com isso não apenas se fez memória daquela Semana, mas como que foi atualizada na medida em que repropõe perguntas e propostas pertinentes à sua época, mas que devem ser retomadas com responsabilidade na atualidade.

Um dos postulados fundamentais daquela Semana está contido no famoso *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, que desencadeou a percepção da antropofagia cultural e que se tornou marca daquele evento. A antropofagia como que propõe que a cultura ocidental seja transformada e tornada “tupiniquim”, a partir de seu encontro com a realidade nacional. Nesse sentido, propõe a superação da noção de que a cultura ocidental europeia seja superior às demais culturas presentes no Brasil e propõe sua transformação em “brasilidade”. As próprias culturas “autóctones” também se transformam no contato umas com as outras, fazendo surgir a novidade da cultura nacional. Assim, a antropofagia é, na verdade, autofagia por alimentar-se de si mesma, de sua humanidade, para formar o que será a cultura brasileira e isso não de maneira estática, mas dinâmica e sempre se transformando.

2 A CULTURA

A cultura brasileira, produto nacional, é popular na medida em que é aceita, aprovada e vivida pelo povo. A dinâmica cultural necessita de recepção, pois do contrário será simplesmente de erudição importada e imposta à força sobre a população, em exercício de

1 Professor de teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Contato: amanzatto@pucsp.br

dominação. É ponto conhecido que a cultura popular também se constrói e se expressa na arte e na religião, incluindo aí, mas não exclusivamente, a arte religiosa. Isso é patente na cultura e na história do Brasil, e se exemplifica nas edificações coloniais. Ela também está presente na música popular e na religiosidade que o povo cultivava, a chamada religiosidade popular, historicizada recentemente em nosso meio através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o jeito popular de ser Igreja no Brasil.

3 AS CEBs

A música nas CEBs não é puro entretenimento ou relaxamento. Ela tem uma função catequética e formadora de consciência, além de ser expressão de fé na liturgia e nas devoções, mas não deixa de manifestar a alegria da convivência em fraternidade, que é componente essencial do cristianismo. Expressa, então, o compromisso de transformação da sociedade, que precisa deixar de ser opressora para ser anúncio do Reino definitivo. Por tudo isso, atentar para o que diz a letra das canções que são promovidas nas CEBs pode nos ajudar a perceber como a cultura religiosa popular propõe o Brasil que se quer.

A música nas CEBs tem conotação popular, expressa na melodia, no ritmo, na harmonia, nos instrumentos que são utilizados. São, normalmente, melodias simples, com ritmo bem ao gosto das camadas mais simples da população, acompanhadas por instrumentos portáteis, como violão, sanfona, pandeiros, que podem ser levados para os locais de reunião ou de celebração. Tornada canção com letras que assumem uma linguagem popular que também é simples, com vocabulário provindo do cotidiano do povo e que, por isso mesmo, é compreensível para os mais simples e expressa a sabedoria do povo, mostrou-se importante meio de conscientização pois não apenas canta o que o povo vive, mas também ensina essa maneira de viver. Afinal, não cantamos apenas aquilo que sabemos, mas acabamos aprendendo e crendo naquilo que cantamos. Daí a força catequética e formativa das canções em geral, mais verdade ainda quando falamos de canções religiosas.

Claro que essas canções, para existirem, precisam ser obra de compositores populares, envolvidos na vida das CEBs. Conhecemos alguns deles, que se tornaram famosos, outros são conhecidos apenas localmente, e alguns são anônimos, exatamente por destacarem a sabedoria popular. Algumas canções dão prioridade à religiosidade, outras à catequese ou à liturgia, outras ainda à simples convivência fraterna e comunitária. Algumas canções se tornaram emblemáticas e alguns compositores foram referenciais para o que se convencionou chamar posteriormente de “Canções da Caminhada”. Assim, temos Cirineu Kuhn e seu inesquecível *Pai Nosso dos mártires*; ou Frei Domingos dos Santos com sua composição *Migrante (Peregrino)*; Reginaldo Veloso e sua canção *Oi que prazer*; ainda Antonio Cardoso com *Se calarem a voz dos profetas*; ou ainda Zé Martins e tantos outros e outras espalhados pelo Brasil. Talvez o mais conhecido seja Zé Vicente que, além da temática, também expressa o valor do popular na linguagem que as canções utilizam, na melodia simples, nos ritmos conhecidos e nos instrumentos que o povo conhece. Composições suas tiveram enorme repercussão, como

Baião das Comunidades, Ofertório do povo ou Utopia, que mostram bem o alcance popular das canções entoadas nas CEBs e sua força conscientizadora.

As canções nas CEBs cantam a força do povo e afirmam sua grandeza. São populares também porque animam a vida das comunidades tanto nas questões da fé como naquelas que dizem respeito à convivência cotidiana. Mas o destaque vai para seu papel conscientizador, seja sobre a temática religiosa ou teológica, seja sobre a temática social e política. Fiéis à sua matriz, tais canções pensam a realidade do país a partir da periferia, do mundo de baixo, aquele oprimido, explorado e descartado. O papel das canções, então, é o de conscientizar para fomentar a participação popular em todos os espaços da vida.

A consequência da proposta vivida e fomentada pelas CEBs, bem o sabemos, foi uma maior e decidida participação do laicato na Igreja, em todos os níveis, e uma participação mais efetiva do povo pobre na vida da sociedade, seja na política ou na estruturação social, o que fez com que o país entrasse em um processo de redemocratização e de transformação social que todos conhecemos. A reação não tardou, seja na Igreja, com a retomada do clericalismo e o afastamento do laicato dos espaços de decisão, seja na política, com a retomada conservadora que nos trouxe aqui onde estamos atualmente.

A Igreja pode ser reerguer a partir do pastoreio do Papa Francisco com seus insistentes apelos por uma Igreja em saída, uma Igreja missionária e compassiva, comprometida com os pobres e sofredores; uma igreja que supere o clericalismo e a autorreferencialidade para poder voltar a encontrar-se com o Evangelho de Jesus. O país, por sua vez, ainda vai sofrer por falta de lideranças populares e pelo processo de divisão que aqui foi instalado pelo último governo.

4 CANÇÕES

Eis alguns exemplos de canções que mostram bem a compreensão de Igreja e de país que as CEBs propuseram como caminho para a vida da Igreja e da sociedade. Será feita aqui apenas uma leitura da letra de tais canções, sem análise da melodia ou de outros aspectos relacionados à sonoridade para que se permaneça no horizonte que foi proposto. São canções que transcendem a época em que foram compostas porque permanecem vivas não apenas na memória das comunidades, mas são retomadas atualmente com o ressurgimento da proposta de uma Igreja mais voltada para os pobres.

Igreja é povo que se organiza

Pe. Leoncio Asfury

Igreja é povo que se organiza,
gente oprimida buscando a libertação,
em Jesus Cristo a ressurreição.
O operário lutando pelo direito
de reaver a direção do sindicato;
o pescador vendo a morte de seus rios,

já se levanta contra esse desacato.
O seringueiro com sua faca de seringa,
se libertando das garras de seu patrão.
A lavadeira, mulher forte e destemida,
lava a sujeira da injustiça e opressão.
Posseiro unido que fica na sua terra
e desafia a força do invasor.
Índio poeta que pega sua viola
e canta a vida, a saudade e a dor.
É gente humilde, é gente pobre, mas é forte,
dizendo a Cristo: meu irmão muito obrigado
pelo caminho que você nos indicou
pra ser um povo feliz e libertado.

A canção afirma, em primeiro lugar, a realidade da dominação e necessária tomada de consciência desse fato em vista da organização popular para conquistar a libertação. Tudo isso reunido à fé professada na ação salvadora de Deus em Jesus, que não é simplesmente futura ou espiritual, mas que já se experimenta aqui e agora, seguindo a tradição bíblica. A canção se concretiza, em seguida, variada gama daqueles que são explorados e dominados na realidade concreta da região onde a canção foi composta, a Amazônia. Daí o destaque para pescadores, seringueiros, posseiros, lavadeiras e índios, que a canção propõe que sejam unidos aos operários das cidades, em vista da superação das dominações para que se possa alcançar a vivência fraterna. A canção, como faz a Teologia da Libertação, toca o concreto imediato da vida das pessoas trazendo a consciência para o que é visual, experimentado na dureza da realidade cotidiana, longe de teorias.

Dar nome aos bois ajuda no processo de conscientização, sobretudo quando nos referimos às camadas mais populares da sociedade. Note-se que, aqui, o popular se afirma também na organização do próprio povo, em suas organizações e profissões, retratando a realidade amazônica. Com isso se concretiza, de um lado, a dominação experimentada, digamos, na pele das pessoas; de outro lado, a realidade da libertação alcança também o concreto da existência e não é projetada para a escatologia ou para uma realidade espiritual posterior. A cultura popular tem necessidade de concretização, e a libertação é algo que toca a história, porque nela já está presente o Reino de Deus desde que Jesus o instaurou.

Acorda, América!

Augusto Brito

Acorda, América! Chegou a hora de levantar!
O sangue dos mártires fez a semente se espalhar.
1. Nestes campos, nestas planícies, nestes vales e caatingas,
nestas raízes entrelaçadas de etnias tão misturadas!
É assim meu povo, a nossa América Latina.

2. Meu irmão índio, meu irmão afro, meus latinos companheiros,
nós somos vítimas da dependência de um império estrangeiro.

É assim, meu povo, a nossa América Latina.

3. Eu me pergunto, e a nós todos, até que dia nós aguentamos
essa violência tão assassina: nos tomam a terra e matam os índios,
nos deixam restos da nossa América Latina.

Nessa canção, a perspectiva se alarga para todo o continente latino-americano, em uma espécie de grito para que todo o continente se livre da dominação do “império estrangeiro”, que são aqueles que mantêm o povo na escravidão, na dominação. O clamor pela liberdade é evidente, e além disso saltam aos olhos duas coisas importantes: a primeira é a memória do martírio, o que indica a percepção de que a perseguição, a repressão, já estão em andamento e vitimam muitas pessoas, mostrando que tem gente morrendo por conta da defesa dos direitos dos pobres; a segunda coisa é consciência da história comum do continente latino-americano, independente das etnias e das fronteiras entre as ações, porque todos estão unidos na mesma dominação, e podem ouvir a proclamação de que já chegou o tempo da libertação, pois a paciência dos dominados já está esgotada por tanta perseguição. O que é popular aqui é o ritmo e a melodia, mas também a alusão à etnia e à realidade de dominação. A esperança também é uma característica popular, e ela é afirmada no tempo da libertação que se aproxima, pois a paciência dos dominados já foi esgotada.

Tempo de Deus

Zé Martins

Olha o Reino de Deus chegando ele já está aqui.

É o amor se concretizando fazendo o povo feliz.

1. O reinado de Deus é sonho de fraternidade e amor;

É um tempo de luz e magia sem medo, sem luto e sem dor.

O reinado de Deus é força de braços que se levantam.

Promessa de uma vitória aos que lutam e nunca se cansam.

O reinado de Deus é labuta de um povo organizado,

Que não foge nunca da luta não se deixa ser explorado.

2. O reinado de Deus é canto alegrando a vida da gente.

É como um acalanto, nos faz seguir em frente.

Olha o povo sorrindo e cantando: Javé tá presente aqui.

É gente com a gente lutando, mostrando o caminho a seguir.

Esperança é a palavra-chave para pensar a luta pela libertação, porque não se trata apenas de lamentar a situação presente ou denunciar a opressão atual, mas além disso projetar uma nova realidade de libertação onde o Reino de Deus se faz presente e a fraternidade pode ser sentida. A esperança se reveste da utopia da salvação que vem de Deus na proposta de seu Reino, feita e realizada por Jesus. Assim, a canção fala da chegada do Reino que já está presente no meio da humanidade e que significa a felicidade de todo o povo, de toda a humanidade, a começar pelos mais pobres e sofredos. Esse Reino não se faz presente na história

por simples milagre, mas pelo engajamento de todos os que creem na construção do futuro de fraternidade, e nisso contam com a parceria de Deus. O mundo onde “não haverá mais lágrimas” é o alento que empurra o povo a seguir em frente, sabendo que Deus caminha com ele. Não se trata simplesmente de um outro mundo, espiritual ou futuro simplesmente, mas da transformação deste mundo onde o Reino já se faz história, e pode ser experimentado no amor que traz a felicidade. O destaque é para repetição dos versos que se faz ao cantar, representando um solista que inicia o canto e o povo que repete o que se canta, até por não possuir a letra ou letramento. Por isso o popular se apresenta aqui no ritmo, nos instrumentos e na repetição das palavras do canto.

Utopia

Zé Vicente

Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, Eu vou cantar.

Quando o povo nas ruas sorrir e a roseira de novo florir, Eu vou cantar.

Quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar.

Quando os muros que cercam os jardins, destruídos, então os jasmims vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção cantada de novo!
No olhar da gente a certeza de irmãos, reinado do povo!

Quando as armas da destruição, destruídas, em cada nação, Eu vou sonhar!

E o decreto que encerra a opressão, assinado só no coração, Vai triunfar!

Quando a voz da verdade se ouvir e a mentira não mais existir, Será enfim

Tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio sem sangue ou cobiça, vai ser assim!

Essa talvez seja a canção mais conhecida quando se fala de esperança no futuro de Deus que chega. O mundo sonhado em paz e em fraternidade traz o momento de se cantar a liberdade do povo que encontra, finalmente, a possibilidade de comunhão. A poesia da letra traz as imagens de esperança de paz concretizada na história pela superação de tudo que é destruição, violência, mentira ou opressão. A realização do Reinado de Deus é o estabelecimento da justiça e da verdade da fraternidade, que ele realiza juntamente e em meio com seu povo. Como a canção fez muito sucesso, conquistou o gosto popular e foi repetida pelas comunidades país afora, algumas pessoas reclamaram do refrão, dizendo que não se deve pensar ou falar em “reinado do povo”, mas apenas de Deus. Curiosamente, sempre que se diz

isso se pensa nos “intermediários” que afirmam qual seja essa vontade de Deus, recaindo na opressão religiosa. Na história, as teocracias sempre se constituíram em ditaduras por conta de tais intermediários messiânicos. Aqui se fala efetivamente do reinado do povo, porque Deus caminha no meio de seu povo, Emanuel é Deus conosco, que já está no meio de nós, como o repetimos tantas vezes em nossa profissão de fé. Além disso, já se experimenta o tempo de democracia política onde se reconhece que a vontade do povo é soberana. Popular na canção é o ritmo valseado, os instrumentos utilizados e o canto esperançoso. Reinado do povo é realização da esperança popular, que não se contrapõe às promessas divinas.

5 POR FIM

A cultura brasileira expressa nas canções das CEBs retrata a realidade nacional: um país dominado, seu povo explorado e oprimido. Mas retrata também aquilo que é a característica mais específica do povo simples do país: a esperança. Não se proclama simplesmente a realidade da opressão, mas também a esperança da libertação, que exige engajamento e luta também do povo simples. Tais canções, com sua característica religiosa, proclamam a vinda de dias melhores, conclamam à libertação e afirmam a certeza de que Deus está ao lado do povo, dele se compadece e com ele combate por sua libertação. Mesmo na situação em que se vive, dias melhores virão, porque a promessa de Deus é de liberdade, vida e amor afirmada e realizada em Jesus de Nazaré.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JUNIOR, Francisco de. Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral. *Revista Pistis & Praxis*. Curitiba, v.8, n.3, p. 631-757, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucpr.br/index.php/pitispraxis.com.br>>.
- CARIAS, C.; RODRIGUES, S. (orgs). *Cebs, fundamentos e desafios*; Rio de Janeiro: Senso/Iser, 2020.
- CASTRO, M. C. de; SILVEIRA, N. B. da. Sobre rítmicas “complexas” e métodos de ensino. *Tulha*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, pp. 160–192, jul.–dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/152958>.
- COSTA, L.D.S. *Canção popular nas Comunidades Eclesiais de Base: análise do papel educativo e social nas décadas de 70/80 em Lages/SC*; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008; disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91132/254508.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- MANZATTO, A. A mística dos pobres em canções das CEBs, in BINGEMER, M.C.; VILLAS BOAS, A. (orgs.). *Teopoética: mística e poesia*. São Paulo/Rio, Paulinas/ PUC-Rio, 2020, p. 333-352.
- MANZATTO, A. Política e cidadania em canções das Cebs, in Anais do VIII Congresso da Anptecre, V. II – STs, Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 371-380, disponível em https://www.fundarfenix.com.br/files/ugd/9b34d5_c8d6c4ebfe5741459f0da63edb61b65e.pdf
- SCHWARZ, Lília Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.